

1 Introdução

O estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.

Júlia Kristeva. Estrangeiros para nós mesmos

Homem ativo politicamente, leitor e observador acurado, Machado de Assis construiu um modelo ficcional que dialoga com o leitor e com a própria linguagem. Sua produção literária se estabeleceu como uma crítica da linguagem em um sentido amplo. Nesta medida, os escritos machadianos instigam o leitor a auto identificar-se com suas vivências e à precariedade do simbólico e inauguraram a fase moderna da literatura brasileira

Em função de tamanha importância no cenário cultural brasileiro, sua literatura vem sendo extremamente analisada e discutida desde sua produção. A extensão de sua fortuna crítica é enorme e abrange diversos campos de análise. Praticamente todos os grandes críticos debruçaram-se sobre a análise da produção literária do bruxo do Cosme Velho. No entanto uma grande, insistente e equivocada parte da crítica ainda perdura. É certo que o bruxo deixou um legado passível de diversas interpretações, mas a ênfase em aspectos equivocados tais como o cruzamento de sua vida e produção literária ou a interpretação de sua ficção como racista, ou tipificada, ainda hoje precisam ser combatidas. Baseado nesta concepção, este trabalho pretende demonstrar que a ficção machadiana sobreviveu ao tempo mantendo a integridade de seu projeto e a vitalidade de sua crítica, embora grande parte dos analistas, ainda hoje, insistam na ênfase de aspectos equivocados. O humor, característica mais relevante da ficção machadiana, este sim, deve ser insistentemente observado e atualizado.

Ao longo do tempo, a crítica machadiana o psicologizou, encadernou, execrou ou até mesmo o endeusou. Guardemos, nesta posteridade tardia, as devidas proporções de sua figura pública e produção literária. Machado de Assis dividiu com o leitor suas percepções e interrogações concernentes ao seu desejo de saber sobre o humano. Melhor para nós que tenha se pautado pela ética e

pelo colorido estilístico. E que tenha com isso se elevado acima das mediocridades.

A partir desta concepção, este trabalho tem como premissa a compreensão que a literatura machadiana está em busca de um diálogo com um certo tipo de leitor. Isto é, que sua ficção está incluída, como será explicitado adiante, em um contexto constituído e regulado por normas e convenções sociais com o qual busca uma interação crítica. Importa agora observar que por isso a determinação de qualquer significação depende da interpretação do objetivo do autor e do uso da linguagem no contexto específico. E que qualquer interpretação não pode ser determinada de modo definitivo.

Uma vez que a ficção machadiana não se restringe simplesmente a descrever fatos objetivos, não pode também ser investigada sob a perspectiva que busca discernir a veracidade ou falsidade do que é relatado. A proposição machadiana é por uma linguagem performativa. Isto é, propõe a literatura como uma forma de agir de modo que esta postura possa ser estendida para toda a linguagem. Contudo, esta proposição é atordoante porque a todo momento os escritos machadianos nos demonstram que seus enunciados, assim como a experiência, não se esgotam em seus significados aparentes. Na verdade, significam muito mais do que expressam explícita e imediatamente dentro dos enredos.

Em conseqüência, a ficção machadiana deve também ser entendida como a via privilegiada de interação social dentro de uma comunidade. Pois ela é constitutiva, tanto da realidade, enquanto estabelece o horizonte da possibilidade de nossa atuação no real, quanto de nossa compreensão dos contextos sociais de que participamos.

Machado de Assis não estava pautado por nenhuma ideologia formal. Seu posicionamento foi investigativo, isto é, cético. E através do humor crítico o autor denunciou as ideologias que se apresentam como verdades últimas para nortear o comportamento humano.

Em suma, Machado de Assis trabalhou a linguagem como um espaço onde os opostos próprios ao homem forçam uma coabitação. E nesta medida, usou os discursos recorrentes para torcê-los e transformá-los em novidade, levando às últimas conseqüências a alternância entre diferença e repetição. Em resumo, a postura machadiana seria equivalente à seguinte definição de Eneida Maria de Souza:

Escrever é isolar-se, é se deslocar de espaços familiares para melhor entendê-los, sem que se perca a função de representá-los. Associar o escritor ao estrangeiro é dar-lhes, como assim se expressa Kristeva, o estatuto de tradutor, de estranho a si próprio, por estar o tempo todo traduzindo e transformando a sua experiência.¹

O conceito de “estrangeiro” deriva do latim *extraneous* que, enquanto adjetivo queria dizer vindo de fora. Como substantivo, só veio a existir a partir do Império Romano, quando passou a representar uma categoria política. Em psicanálise, por outro lado, ao derivar do Unheimlich, o estranho coincide com o retorno do recalcado, mas também se confunde com o Outro, aquele que não é eu, mas, não obstante, habita em mim. Ou seja, a linguagem

O termo Unheimlich analisado por Freud em *O estranho* designa tudo o que deveria permanecer secreto, escondido, mas se manifesta na realidade psíquica de cada um. A partir daí, Freud desenvolveu sua interpretação de Unheimlich como aquilo que escapa do recalque, ou seja, algo familiar à vida psíquica e que o processo de recalque transformou em "estranho": Segundo ele:

(...) o estranhamento familiar nasce na vida real quando complexos infantis recalcados são reanimados por alguma impressão exterior, ou quando convicções primitivas superadas parecem ser novamente confirmadas.²

Freud abriu as vias para uma nova interpretação da experiência de estranhamento ao relacioná-la à emergência de sinais dos complexos infantis que haviam sido recalcados, mas que deixam escapar angústia quando as crenças primitivas que foram aparentemente superadas parecem outra vez querer confirmar-se. Nesta medida, o medo do escuro, do silêncio e da solidão seriam medos infantis naturais, porque estão ligados a um processo de elaboração e/ou recalque do sentimento de desamparo e solidão inerentes ao “humano”. Isto é, estes elementos constituem a formação da angústia. Esta angústia será elaborada com maior ou menor sucesso, dependendo do processo de atravessamento do Complexo de Castração, por todos e cada um de nós. No entanto, sempre insistirá em manifestar-se na vida adulta como uma demanda de confronto para que em algum momento se possa lidar melhor com esta angústia referente à solidão, ao desamparo e à própria Castração.

E os escritos machadianos são esforços de coabitação e transmissão destas estranhezas que habitam no interior de um sistema que visa anulá-las, isto é, castrá-las. Mas na paradoxal condição de um provinciano estrangeiro,

¹ Eneida Maria de Souza. *Madame Bovary* somos nós. p.124.

² Sigmund Freud. *O estranho*. p.301.

Machado de Assis não se satisfaz em apenas amear significações vulgares. Insiste e não teme o que Kristeva denomina como “o fogo e o gelo que outrora o queimara”³. No entanto, apesar da insistência em fazer representação do que beira o irrepresentável e de sua constante auto-ironia, Machado de Assis está ciente, como veremos adiante, que a ocupação desta condição é inevitavelmente sem cúmplice.

A vida, sendo um eterno esforço de triunfo sobre a morte, ou seja, uma constante tentativa de alcançar uma transfiguração simbólica, seria segundo Artaud, ela própria, uma crueldade acrescida à outra. Isto porque nenhum símbolo jamais será capaz de significar completamente o sentido da vida e da morte ou sanear a solidão. Deste modo, diante desta crueldade, a única alternativa que manteria vivo o esforço de significar mantendo a pluralidade e a singularidade, seria a manutenção da paixão, da ousadia e da dúvida em oposição ao quadro que aí está: a tendência econômica, utilitária e técnica do mundo.

Nesta medida, Machado de Assis seria um estrangeiro típico. Estrangeiro como o desenvolvido por Freud em *O estranho* e expresso por Kristeva como “sem ligação e blasfemador do laço paroxístico que é o sagrado”⁴. Insistindo frente ao estranho e ao obscuro e violento das relações sociais, veiculou um discurso que conduz ética e estética. Distanciado em seu texto de suas próprias estranhezas pessoais, construiu um discurso que ousa enfrentar o vulgar dos vínculos políticos e a singularidade das angústias características do sujeito. Tomou as estranhezas entre aspas e, sem ignorá-las, suavizou-na com uma doce ironia que não participa da frieza do verbo ironizar a não ser com a condição de ali incluir o pudor.

Parafraseando Gustavo Bernardo, querendo ou não, Machado de Assis libertou-se de si mesmo para fazer a sua arte, tornando-se Outro. Baseado na percepção de que compreender é uma busca, os argumentos céticos machadianos assumem-se alegóricos e olham de lado mas com os dois olhos, como se tivessem um rosto cubista. Desse modo, não apenas o poeta se veria como alegoria, mas, quem sabe, a própria história.

³ Júlia Kristeva. *Estrangeiros para nós mesmos*. p.17.

⁴ *Ibid.* p.33